

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

DAPHNE ALMASSI HAMBURGO
LUANA RAINONE GOLINO

CADERNETA DO SOCIOLINGUISTA

São Paulo

2017

DAPHNE ALMASSI HAMBURGO
LUANA RAINONE GOLINO

CADERNETA DO SOCIOLINGUISTA

Trabalho para a matéria de Introdução ao Estudo da
Língua Portuguesa I do curso de Letras da
Universidade de São Paulo.

Docente responsável: Prof.^a Dra. Marli Quadros
Leite

São Paulo

2017

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	4
2. DESENVOLVIMENTO	5
2. 1. CASO Nº 1	5
2. 2. CASO Nº 2	6
2. 3. CASO Nº 3	7
2.4. CASO Nº 4	9
2. 5. CASO Nº5	10
3. CONSIDERAÇÕES FINAIS	12
4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	13

1. INTRODUÇÃO

As línguas naturais são o principal instrumento da comunicação humana e, devido ao seu recorrente uso, estão constantemente sujeitas a mudanças. Os usuários da língua a adaptam durante as situações de comunicação, causando alterações que podem se propagar durante toda uma comunidade linguística. Isto é, nenhuma língua é estática ou homogênea, uma vez que está suscetível à variação.

Dentro da língua portuguesa convivem diferentes formas (gramaticais, lexicais e fonéticas), constituindo variações linguísticas. Essas variações podem ser de natureza social ou estilística, esta dizendo respeito aos registros da língua, ou seja, suas diversas situações de uso, enquanto aquela trata da posição do falante nos estratos sociais. O aparato institucional da sociedade atua como moderador da variação, impondo uma norma-padrão, amparada na literatura e na escola, que tem a função de estruturar o sistema linguístico, possuindo um caráter prescritivo e conservador.

Sendo a língua uma instituição social, a existência de uma norma é necessária para a organização do sistema. Entretanto, a norma não abriga todas as variedades existentes dentro da língua, mesmo que o uso concreto da língua em situações de comunicação cotidiana evidencie que ela é heterogênea. Existe, até mesmo, uma diferença entre a norma-padrão e a norma culta. A última é aquela utilizada pelos falantes de maior nível escolar e dos estratos sociais mais elevados, que apesar de dominarem a norma-padrão apresentam certos desvios em seu uso, principalmente em situações informais de comunicação. Estes “desvios” demonstram não apenas que a língua é dinâmica, como também que há uma troca de características entre as normas culta e popular, a qual é a utilizada pelas classes sociais mais baixas e menos escolarizadas. Também é possível citar a variação regional ou geográfica, dado que as características linguísticas também variam de acordo com seu local de uso.

Neste trabalho foi utilizada a coleta de dados linguísticos da modalidade falada da língua a fim de analisar os tipos de variação linguística, visto que é na fala que surgem as inovações. Foram adotados como parâmetros tanto a norma-padrão quanto as outras variedades presentes na norma popular e levou-se em consideração o registro utilizado (isto é, o contexto de comunicação) e as informações sobre o falante que indicassem sua posição social. Através disso procura-se demonstrar a realidade linguística em vigor no Brasil.

2. DESENVOLVIMENTO

2. 1. CASO Nº 1

Transcrição fonética: “A gente saimu mais cedo.”

Sujeito da enunciação: Homem com cerca de 40 anos de idade, tendo como nível de escolarização o Ensino Médio completo.

Contexto: Ambiente familiar, durante uma conversa informal com a sua tia.

Data: 30/04/17

Tipos de variação verificados:

a) **Concordância verbal**

A primeira análise que pode ser feita em relação ao caso é quanto à flexão do verbo “sair”. O sujeito da frase é a locução pronominal “a gente”, a qual exigiria que o verbo fosse conjugado na terceira pessoa do singular. Portanto, de acordo com a norma padrão da língua portuguesa a frase deveria ser pronunciada da seguinte forma: “A gente *saiu* mais cedo”.¹

No entanto, o sujeito não utilizou a desinência mencionada e sim a pertencente à primeira pessoal do plural, ou seja, “saímos” (pronunciado como *saimu*, ocorrência que será posteriormente analisada). Isto pode ser explicado pelo fato de que a locução “a gente” possui valor semântico de “nós”, fazendo com que os usuários misturem o uso das formas pronominais e suas desinências. Assim, considerando-se os usos possíveis da língua, também seria possível encontrar a mesma frase enunciada das seguintes formas:

1. A gente saiu mais cedo.
2. A gente saímos mais cedo.
3. Nós saiu mais cedo.
4. Nós saímos mais cedo.

As frases 1 e 4 correspondem ao uso da norma padrão da língua portuguesa, enquanto 2 e 3 são variedades populares da língua.

b) **Fonológica**

¹ CUNHA, Celso; CINTRA, L. *Breve Gramática do Português Contemporâneo*. Lisboa: João Sá da Costa, 1998 (p. 214).

Ainda no que diz respeito ao verbo “sair”, outra variação linguística pode ser observada, desta vez de natureza fonética. A desinência da primeira pessoal do plural, *-mos*, é pronunciada como *-mu*.

Primeiramente, nota-se a supressão da terminação do plural *-s*. Assim, “saímos” torna-se “saimo”, situação que pode ser comparada com o fenômeno de apócope², o qual se caracteriza pela supressão de um fonema no final de uma palavra. Um exemplo deste processo na evolução de vocábulos latinos é a formação da palavra “capital”:

Capitalem > *capitale* > capital

Em seguida, a vogal final *saimo* é substituída pela vogal /u/. Este fenômeno pode ser explicado como uma assimilação do ponto de articulação. A consoante /m/, por ser bilabial, possui o traço [+ anterior]. A fim de facilitar os órgãos do aparelho fonador, a vogal /u/, que possui o traço [- anterior] pode ter sido substituída pela vogal /i/ por esta apresentar o traço [+ anterior]³.

Mecanismos de facilitação do processo de fonação estão relacionados com a Lei do Menor Esforço, uma das três leis fonéticas básicas presentes na simplificação do latim durante o processo de formação da língua portuguesa. A utilização de processos como este atualmente evidencia o caráter dinâmico das línguas, que estão sempre sofrendo modificações.

2. 2. CASO Nº 2

Transcrição fonética: “Pena que eu não lembro o nome daquela muié.”

Sujeito da enunciação: Mulher com cerca de 50 anos de idade.

Contexto: Terminal de ônibus da Lapa, durante uma conversa informal com a sua filha, uma adolescente.

Data: 12/05/17

Tipo de variação verificada:

a) Fonológica

Duas mudanças fonológicas ocorrem paralelamente na palavra “mulher”. A primeira que pode ser citada é a eliminação do /r/ final, de forma que “mulher” se torna “mulhé”. A omissão do traço do infinito é recorrente na fala informal mesmo dos falantes cultos, ouve-se, por exemplo: “falá” por *falar*, “fazê” por *fazer*, “colocá” por *colocar*. Em todos os casos,

² ARAÚJO, Ruy Magalhães de Araujo. *Metaplasmos: um paralelo diacrônico e sincrônico*. UERJ. (p. 3)

³ SANTOS, Raquel Santana; DE SOUZA, Paulo Chagas. *Fonologia*. In: *Introdução à Linguística: II. Princípios de análise*. São Paulo: Contexto, 2016. (p. 48)

simultaneamente à perda do “r” ocorre a intensificação da vogal presente na sílaba tônica. Isto poderia ser a demonstração de outro caso de apócope.

A segunda mudança fonética diz respeito à substituição do som consonantal /lh/ pela semivogal /i/. Assim, “mulher” foi pronunciado como “muié”. Esta ocorrência é mais comum nos dialetos caipiras, podendo ser citados outros exemplos, como: “cuié” por *colher*, “faiá” por *falhar*, “meió” por *melhor*, “mío” por *milho*. Contudo, esse fenômeno também está fortemente presente no meio urbano, de forma que é possível ouvir casos como o analisado e outros como o uso de “véio” por *velho*, uso este que se tornou até mesmo uma gíria por falantes de uma determinada faixa etária (em sua maioria adolescentes). Essa substituição fonológica recebe o nome de yeísmo⁴ e é um fenômeno da assimilação, pois ocorre devido à proximidade das estruturas fonéticas, tornando mais cômodo a pronúncia do /i/.

Portanto, a mesma frase analisada poderia ser pronunciada das seguintes formas:

1. Pena que eu não lembro o nome daquela *mulher*.
2. Pena que eu não lembro o nome daquela *mulhé*

2. 3. CASO Nº 3

Transcrição fonética: “Ali vende umas pranta bonita.”

Sujeito da enunciação: Mulher por volta dos 70 anos de idade.

Contexto: Feira de rua, durante conversa casual com mulher de idade semelhante, sua amiga.

Data: 20/05/17

Tipos de variação verificados:

a) **Concordância com a passiva**

Primeiramente, é possível discorrer sobre o uso do verbo “vender”, o qual foi utilizado no singular. A sentença se encontra na voz passiva sintética, sendo “umas pranta bonita” o sujeito que rege o verbo. Desta forma, segundo a norma padrão, o verbo deveria estar no plural, fazendo com que a frase assumisse a seguinte forma:

1. Ali vendem-se umas pranta bonita.

Porém, esta flexão verbal pode gerar certa ambiguidade. A frase poderia tanto significar “umas pranta bonita são vendidas ali” quanto assumir um significado reflexivo, como em “ali umas pranta bonita vendem a si mesmas”. Apesar de na frase citada o sentido com significado reflexivo ser incoerente e poder ser entendido pelo contexto, em outras ocorrências da passiva

⁴ BAGNO, Marcos. *A Língua de Eulália*. São Paulo: Contexto, 2016. (p. 57)

analítica sintética a ambiguidade pode ser mais difícil de ser desfeita, dado como exemplo a seguinte frase: *Matam-se insetos*. Sem um contexto adequado seria possível assumir tanto que os insetos são mortos por alguém quanto que os insetos matam a si mesmo.

Manuel Said Ali, em seu livro *Dificuldades da Língua Portuguesa* (1950), contesta a existência da passiva sintética na língua portuguesa. Segundo ele, o pronome “se” não funciona como partícula apassivadora e sim como sujeito da oração, que atua como um agente indeterminado, e é ele que rege o verbo, possibilitando que este se encontre no singular.

Seguindo o ponto de vista cognitivista, pode-se considerar a possibilidade de que o usuário da língua, ao formular a frase, siga a ordem canônica das frases em voz ativa (o SVO: sujeito, verbo, objeto), de modo que, na ocorrência analisada, o advérbio “ali” tenha sido considerado como o sujeito da oração, o que determinou que o verbo fosse regido no singular.

b) Fonética

O vocábulo “pranta” é pronunciado diferentemente da norma padrão da língua, segundo a qual este seria pronunciado como “planta”. O que ocorre é uma substituição do som consonantal /l/ pelo /r/. Este fenômeno, por ocorrer em encontros consonantais (no caso, /p/ com /l/), é chamado de rotacismo⁵. Ele é frequente na fala de usuários menos escolarizados e no dialeto caipira, sendo possível citar outros exemplos, como: “broco” por *bloco*, “Cráudia” por *Cláudia*, “frô” por *flor*.

Neste caso o rotacismo encontra-se como um vício da linguagem, porém este fenômeno também esteve presente na formação da língua portuguesa. Como exemplo, temos a evolução dos vocábulos:

Placere > prazer; *blancu* > branco

c) Concordância nominal

Em “umas pranta bonita” indica-se o plural somente uma vez, no artigo “umas”, sem haver marcas nos nomes seguintes. De acordo com a norma padrão, o trecho deveria ser escrito como “umas plantas bonitas”.

Esta tendência de eliminar marcas de plural possui um caráter econômico. Marca-se o plural apenas uma vez e somente na palavra que é enunciada primeiro e define as seguintes, normalmente o artigo. Por não haver prejuízo de sentido, isso facilita a enunciação, tornando-a mais sucinta. A frase não teria o mesmo efeito caso a marca de plural única fosse encontrada em outra palavra, como se verifica em: “uma prantas bonita”; “uma pranta bonitas”. Há uma regra implícita de que a fim de manter uma coerência interna na expressão a marca de plural deve ser encontrada no termo que define os outros, isto é, o artigo.

⁵ BAGNO, Marcos. *A Língua de Eulália*. São Paulo: Contexto, 2016. (p. 46)

2. 4. CASO Nº 4

Transcrição fonética: “Pelo visto os médicos não tiveram problema pra tirar o cordão umbilical do “imbigo” do bebê, ele parece muito bem.”

Sujeito da enunciação: Uma mulher com cerca de 50 anos de idade.

Contexto: Conversa casual enquanto lanchava com um amigo em uma praça de alimentação.

Data: 07/05/17

Tipos de variação verificados:

a) Fonética

Como observado na transcrição feita, há uma variação que ocorre na palavra “umbigo”, que se torna “imbigo”. A variação ocorre no nível fonético, e se dá devido à troca de sons e letras, mais precisamente do tipo vocálico.

As vogais [i] e [u] são ambas altas, e na posição de vogais altas, estão em uma condição em que o trato vocal se encontra mais fechado para o escape de ar, sendo semelhantes nesse sentido e conhecidas também como “fones fechados”. A diferença entre elas é que a primeira é classificada como anterior, e a segunda como posterior. Nas vogais anteriores, a língua se projeta em direção dos lábios, enquanto nas posteriores se encontra retraída em direção a faringe. Também existem os sons centrais, que se localizam “no meio do caminho” entre as posteriores e anteriores. Nos sons centrais a língua se encontra em posição neutra, entre essas duas.

Nesta posição central, as vogais altas [i] e [u] se encontram, e esse encontro aproxima o modo como as vogais vão ser pronunciadas, evidenciando que elas foram trocadas devido a aproximação do nível central fonético, gerando assim a variação.

b) Fonológica

Além da variação fonética, também ocorre a fonológica, que implica mais profundamente no sistema sonoro. Quando a variação de “umbigo” para “imbigo” ocorre, é interessante notar que temos também uma palavra derivada de “umbigo” na frase. A falante não comete a variação ao falar “umbilical”, o que gera certo estranhamento, já que ela deriva diretamente de “umbigo”.

Por conter o [m] bilabial, este tem o traço [+anterior], este produzido com a ponta da língua na região anterior do trato vocal, a palavra pode ter sofrido assimilação regressiva, e por isso o [u] se transforma em [i], que, assim como [m], é anterior.

A mudança passa de uma [+posterior] para uma [-posterior] e [+arredondada], e logo depois torna-se por fim [-arredondada], concluindo assim a mudança fonológica

Então, a variação fonológica nesse caso fica evidente, deixando dúvidas sobre o motivo de o mesmo não ter ocorrido em “umbilical”. Por ser um termo médico e menos usado na língua corriqueira, ele acaba sendo “decorado” e não sofre variação, diferente de “umbigo”, uma palavra mais utilizada no português brasileiro em que os falantes usam mais de sua intuição e sonoridade quando pronunciada.

Ainda assim, há possibilidades de diferentes variações entre as frases, sendo elas:

1. Pelo visto os médicos não tiveram problema pra tirar o cordão “imbilical” do umbigo do bebê.
2. Pelo visto os médicos não tiveram problema pra tirar o cordão “imbilical” do “imbigo” do bebê.
3. Pelo visto os médicos não tiveram problema pra tirar o cordão umbilical do umbigo do bebê.

Sendo a segunda uma possibilidade mais esperada, já que a variação ocorre nas duas palavras, e a terceira sendo a possibilidade que se encaixa dentro da norma culta.

2. 5. CASO Nº 5

Transcrição fonética: “A professora do meu filho não ‘tava muito “sastifeita” com ele!”

Sujeito da enunciação: Homem com cerca de 60 anos.

Contexto: Conversa casual no telefone, enquanto esperava pelo ônibus que pegaria em um ponto.

Data: 18/05/2017

Tipos de variação verificada:

a) Metaplasma e fonológica

A variação de “satisfeito” para “sastifeito” ocorre no âmbito metaplasma, mais especificamente por meio da metátese, que acontece quando um fonema desloca-se de uma sílaba para outra dentro de uma mesma palavra.

O [s] sofre alteração de sílaba, gerando a variação. Esse [s] tem som fricativo-dental, sendo ele classificado foneticamente como [θ].

O [i] tem a característica [+anterior], sendo produzido com a ponta da língua na região mais anterior do trato vocal, enquanto o [a] possui característica de [-anterior], sendo ela projetada menos anteriormente. A troca das sílabas pode ter se dado devido a pronúncia diferenciada

das vogais, e o [s] acaba sendo transferido para a segunda sílaba, se juntando a uma vogal [-anterior] ao invés de permanecer com o [i] [+anterior].

Dessa maneira, duas variações seriam possíveis:

1. A professora do meu filho não ‘tava muito “sastifeita” com ele!
2. A professora do meu filho não ‘tava muito satisfeita com ele!

A segunda sendo parte da norma padrão, enquanto a primeira sofre alteração por juntar-se ao [a] [-anterior].

b) Uso do “tava”

Em situações casuais, as pessoas tendem a encurtar palavras, para que essas saiam mais naturais e mais rápidas, e esse é o caso do “tava”. Variação da palavra “estava”, ela tem o mesmo significado que a original e é plenamente aceita na maioria das conversas entre os brasileiros.

O uso do “tava” é um exemplo extremamente satisfatório de variações que tomam proporções tão grandes quanto as palavras originais, chegando até a substituí-las na língua oral. Seu uso é extremamente naturalizado e compreendido por qualquer falante brasileiro da língua portuguesa.

Há quatro variações possíveis então da frase original, sendo elas:

1. A professora do meu filho não ‘tava muito “sastifeita” com ele!
2. A professora do meu filho não estava muito “sastifeita” com ele!
3. A professora do meu filho não ‘tava muito satisfeita com ele!
4. A professora do meu filho não estava muito satisfeita com ele!

A última sendo uma opção muito provável entre falantes da língua culta e escrita, escolarizados e inseridos em uma situação mais formal. As três primeiras são todas variações de falantes inseridos em situações menos formais ou até mesmo falantes menos escolarizados. Nela, o culto e o popular tomam forma, mostrando que nem sempre a mensagem precisa estar no padrão da norma para ser compreendida plenamente.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os exemplos e análises contidos neste trabalho confirmam a tese de que a língua é viva e está em constante movimento, permitindo que sejam criadas novas formas, estilos e maneiras de se expressar uma mesma ideia. O pensamento de que se existe apenas uma maneira correta de falar é extremamente equivocado e inviável, visto a flexibilidade contida na língua falada e no dia a dia de seus falantes.

A norma culta é necessária para a unificação e entendimento entre todos os falantes de certa língua, mas as variações dentro dela existem e são extremamente utilizadas no cotidiano e em situações informais. Várias possibilidades de variação são traçadas e utilizadas com as previamente estabelecidas em um padrão, gerando constante movimento e rotação dentro da língua, criando e apagando modelos de fala e comunicação.

A variação é importante e necessária para que os falantes continuem em contato, tanto para compreensão quanto inovação. Apesar de não possuir o prestígio e status gerado pela presença da norma culta, a variação pode se tornar parte dela se atingir um número alto de falantes, se tornando comumente utilizada e compreendida pela maioria deles, deixando evidente que, além de parâmetro inicial e base, a norma é também um filtro social entre língua e fala.

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, Ruy Magalhães de Araujo. *Metaplasmos: um paralelo diacrônico e sincrônico*. UERJ.

BAGNO, Marcos. *A Língua de Eulália*. São Paulo: Contexto, 2016.

BOLLELA, Maria F.; FILHO, José M. G. *O português rural do Brasil: uma variante dentre as variantes*. Actas do Colóquio Anual da Lusofonia 2007. Bragança: Câmara Municipal de Bragança, 2007. v. 1. p. 01-09.

CAMACHO, Roberto Gomes. *A variação linguística*. In: SE/CENP. (Org.). São Paulo: SE/CENP, 1988, v. I.

CUNHA, Celso; CINTRA, L. *Breve Gramática do Português Contemporâneo*. Lisboa: Edições João Sá da Costa, 1998.

LUCCHESI, Dante. Norma linguística e realidade social. In: BAGNO, Marco. *Linguística da Norma*. São Paulo: Edições Loyola, 2004, v. II.

Metaplasmos ou processos fonológicos: alterações fonéticas. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/309983/mod_resource/content/1/Metaplasmos.pdf>. Visitado em: 19/05/2017

SANTOS, Raquel Santana; DE SOUZA, Paulo Chagas. Fonologia. In: *Introdução à Linguística: II. Princípios de análise*. São Paulo: Contexto, 2016.